DIÁRIOS DE QUARENTENA #11

MIRADA

Uma paisagem de outono

Rodrigo Novaes de Almeida

Uma paisagem de outono

Rio de Janeiro, 30 de maio de 2020.

Habitar sem intervalo este apartamento há semanas. Ou quase sem intervalo, com as idas ao hospital. Ver o mar da janela semiaberta do automóvel, da Uber ou do táxi; atravessar o túnel e contemplar a manhã ensolarada na orla de Botafogo, o Pão-de-Açúcar e as ruas desertas, tal como o calçadão.

Não há tráfego, os barcos e veleiros completam a paisagem da enseada.

Tanto tempo depois, retorno à minha cidade. Pensei que me sentiria um estrangeiro quando voltasse... Sem ninguém nas ruas o automóvel atravessa o Aterro do Flamengo — imagino que o sentimento seria o de ser um estrangeiro se houvesse toda a nossa gente nas ruas.

Não há aeronaves partindo ou chegando do Santos Dumont.

Em seguida, o automóvel entra em direção à Lapa para nos deixar no hospital na praça da Cruz Vermelha. Passamos sob os arcos e lembro-me das vezes em que estive aqui,

com colegas ou amigos, nos anos em que trabalhei nas redondezas. Era comum beber um chope antes de ir para casa.

Nunca era um chope, e nunca uma lembrança me fez salivar como agora.

Minha mulher abre a porta do carro, ela pede para eu evitar usar as mãos, e depois que saímos — isto ocorre todas as vezes —, ela pega o frasco de álcool em gel para eu esfregá-las. Obedeço e sorrio sob a máscara. Ela não enxerga meu sorriso, talvez perceba meus olhos aflitos brilharem. Completaremos semana que vem nove anos juntos, entraremos no último ano de nossa primeira década (prefiro contar assim).

Todo momento é histórico, mas há momentos realmente históricos. Estamos vivendo um desses momentos realmente históricos. Outro dia pensei se não seria para estarmos realizando a famosa fantasia: o que você faria se re-

almente soubesse que tem apenas uns poucos dias de vida? Não sabemos quem sobreviverá a essa pandemia, estejamos confinados ou não, e escrever sobre este momento histórico terrível, e escrever sobre este momento realmente histórico e terrível com câncer, fazendo quimioterapia, faz com que eu me pergunte todos os dias: como? Não por que ou para quê. Como? Escrever com toda a sinceridade, escrever tudo o que consigo encerrar em mim dos acontecimentos, e de meus pensamentos e sentimentos mais verdadeiros, é a resposta que me satisfez dar a mim mesmo durante esse tempo. E assim tenho esse propósito de passar para as palavras ao menos um rastro de uma experiência autêntica.

O automóvel faz o caminho de volta. Vamos em direção à Cinelândia para pegar a via do Aterro outra vez. Lojas fechadas, lugares que frequentei diariamente durante anos, em uma vida anterior a esta. Vejo o Largo da Carioca, o final

da Avenida Rio Branco, lembro-me dos cafés, dos sebos e das livrarias, das boutiques de relógios suíços (sempre fui um aficionado pelo mecanismo dessas máquinas) e das lojas de cutelaria.

Os dias se misturam e eu me recordo do Largo de São Francisco deserto dias antes, quando estivemos no entorno em um laboratório para eu fazer exames. Da faculdade de Filosofia fechada, de duas vidas atrás, ou são três já? De suas escadas antigas de madeira que rangiam sob nossos pés; éramos crianças aos 19 anos. Do jardim turco, onde eu me sentava a fim de escrever poemas ruins para as garotas e sonhava com diálogos filosóficos como os dos livros. Das sessões de cinema, e de uma mesa de conversa com a mãe do Glauber Rocha.

Ao sair do laboratório, passamos em frente ao Real Gabinete Português de Leitura, um dos lugares mais belos do mundo, ali, todo esse tempo. Era para lá que aquele rapaz de 19 anos ia quando se imaginava atemporal no mundo (deixo vago isto). Todas as portas estão fechadas. Todas as ruas, vazias. Um automóvel ou outro, e os dias passavam... Agora há mais gente nas ruas.

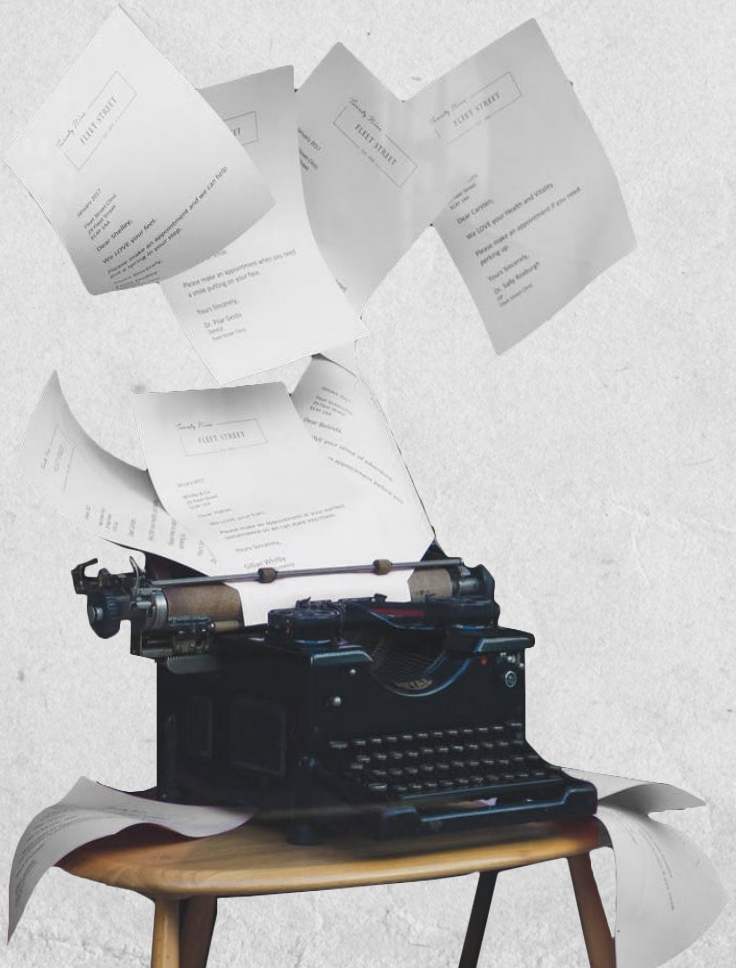
Enquanto o tratamento médico dava sinais de que eu estava melhorando, mundos inteiros ruíam, desapareciam completamente. Mundos que não voltarão quando o confinamento passar, como os mortos. Para quem ainda podia ficar em casa, e mesmo assim a morte poderia entrar, como entrou muitas vezes, não era, contudo, mais fácil do que para nós, não era apenas mais um dia à espera de uma vacina contra o vírus. Por outro lado, íamos e continuamos indo

às ruas sabendo que cada saída é como apertar o gatilho de um revólver que está apontado para a própria cabeça, que nem um jogo de roleta russa.

Sobrevivi? Ontem e hoje, sim. É a resposta. A urgência, um sentimento que mesmo com todos os remédios tarjas pretas para dormir me deixavam insone (para que eu escrevesse!), até que os larguei, leva-me a outras questões, como: já não sei se isto é um fragmento do romance ou do diário. Em que pese o sentido da vida à pena da poesia, por que não?, tudo isto: um capítulo do romance Ensaio sobre a paisagem, que ora é novela, ora é ensaio, ora é diário. No entanto, logo eu sei que não colocarei no romance estas linhas.

Por essas ruas desertas em que a passagem do meu es-

pírito, que é também corpo, mas que agora é também a química medicamentosa, que é também morfina há quase seis meses e todos os demais remédios para combater o câncer, se expande em tumultuosos pensamentos e sentimentos, eu convido o leitor em casa a vir comigo para dentro dessa paisagem de outono.



Rodrigo Novaes de Almeida (Rio de Janeiro, 1976) é escritor, jornalista e editor. Formado em Comunicação Social – Jornalismo, com pós-graduação em Publishing e passagens pelas editoras Apicuri, Saraiva, Ibep, Ática e Estação Liberdade. Autor dos livros Carnebruta (Contos, Editora Apicuri e Editora Oito e Meio, 2012), Das pequenas corrupções cotidianas que nos levam à barbárie e outros contos (Editora Patuá, 2018), finalista do 61º Prêmio Jabuti na categoria Contos, em 2019, e A clareira e a cidade (Poesia, Editora Urutau, 2020), entre outros. É fundador e editor-chefe da Revista Gueto e do selo Gueto Editorial, projetos de divulgação de literatura em língua portuguesa e celeiro de novos autores. E-mail para contato: rnalmeida76@gmail.com

Capa
Free Photos
https://pixabay.com/pt/users/free-photos-242387/

Curadoria
Taciana Oliveira

Diagramação
Rebeca Gadelha

Recursos Utilizados
Pg 1. Fotografia por Nelson Corrêa -
https://www.flickr.com/photos/pomeu/3916025689/

Pg 4 e 5 - Fotografia por Vania
https://www.dicasdeumacarioca.rio/arcos-da-lapa/

Pg 7 - http://www.guiding-architects.net/rio-de-janeiro-world-congress-of-architects-in-2020/largo-da-carioca-rio-de-janeiro-insight--architecture/